

AS MÍDIAS DIGITAIS E OS IDOSOS: ESTRATÉGIAS DE LEITURAS EMPREGADAS NO USO DAS TECNOLOGIAS

Ana Paula Rocha Neto – UnUCSEH/UEG
Eliane Gonçalves Costa Anderi – UnUCSEH/UEG

RESUMO

O presente trabalho surgiu a partir de uma pesquisa que investiga as estratégias de leitura empregadas pelas pessoas idosas e de baixo letramento com o uso de diversas mídias digitais. Para Carvalho (2011) o letramento é caracterizado como sendo o uso social que uma pessoa faz da leitura e da escrita no seu cotidiano e que inclui diferentes tipos de textos em diferentes situações. Estratégias de leitura são estruturas cognitivas que os leitores proficientes normalmente acionam mesmo sem consciência. O estudo em questão pretendeu identificar quais as estratégias que as pessoas idosas com baixo letramento empregam ao realizar a leitura que tem como suporte as mídias digitais. Compreender como se dá o seu uso diante das mídias digitais pode contribuir para a criação de práticas pedagógicas que possibilitem o avanço desse grupo de pessoas no desenvolvimento da leitura independente do suporte do texto. A pesquisa se valeu da observação como importante elemento de obtenção de dados, também se utilizou da aplicação de questionários que foram aplicados em lugares estratégicos da cidade, com um número maior de pessoas e que objetivou conhecer os interesses dos idosos e das pessoas de baixo letramento em relação ao acesso a quais tecnologias, quais os usos faziam dessas tecnologias e se tinham ou não interesse em aprender utilizar alguma delas. A partir das informações obtidas no questionário organizaram-se oficinas para ensinar os idosos com baixo letramento a utilizar a internet e as mídias digitais. Identificou-se que o aparelho que eles mais queriam aprender a utilizar era o celular. Infelizmente a quantidade de oficinas foi pouca e tiveram que ser interrompidas.

Palavras-chave: Letramento. Mídias digitais. Idosos.

A educação brasileira tem sua história marcada por um acesso tardio das classes menos favorecidas economicamente, ao ensino formal. O Brasil é um país marcado pelo baixo investimento na formação de leitores, pois a inclusão das classes populares nas políticas educacionais ocorre em meados do século XX, por meio de campanhas e de programas emergenciais. Além do fato de que educação destinada aos jovens e adultos sempre foi colocada em segundo plano e mesmo se definindo projetos e metas para essa modalidade de educação não se obtém sucesso devido em virtude da falta de financiamento necessário e políticas públicas adequadas ao segmento.

O tratamento dado a escolarização da população no Brasil comparada a outros países dá-nos a ideia do tratamento recebido pela escolarização das classes populares. Enquanto em Portugal, nos anos de 1890, havia de 20% a 30% apenas, de sua população alfabetizada segundo Assunção (2008) na Inglaterra e a França, no mesmo período, já contava com a maioria de sua população alfabetizada. A colonização brasileira é então gestada de culturas eminentemente orais, cuja prática de leitura se desenvolveu lentamente, e, somado ao baixo

investimento, seja do ponto de vista financeiro seja da formação do quadro de pessoal, chegamos ao século XXI sem ter resolvido se quer o problema do analfabetismo. Temos um grande número de pessoas, que mesmo tendo frequentado a escola não conseguiu se tornar verdadeiramente um leitor e por vários motivos - dentre estes a evasão escolar, trabalho precoce, ingresso tardio a escola, falta de acesso a um variado material de leitura, falta de biblioteca nas escolas.

O ato de ler é importante pois, não se restringe somente à leitura da palavra escrita, mas segundo Martins *apud* Scliar (2008) a escrita provavelmente seja o mais perfeito e o menos obscuro sistema de linguagem. Quanto mais o ser humano domina ferramentas cognitivas de interpretação, mais condição terá de compreender e atuar sobre sua realidade. Ler constitui-se no dizer de Yunes (2002) em um ato de libertação e atualização do pensar despiando-se dos pré-juízos e pré-conceitos com que o senso comum ilude.

Neste trabalho entendemos por letramento as práticas sociais de leitura e de escrita que não restringe o uso da língua numa perspectiva utilitarista, instrumental para servir de objeto para inserção no mercado de trabalho, mas sim numa perspectiva que reconheça que o leitor tem capacidade de fortalecer o espírito crítico, pensar e de expressar frente à sociedade.

Para Carvalho (2011) existe uma diferença entre as pessoas alfabetizadas e as letradas. Para ela o ser alfabetizado baseia-se na decodificação, em técnicas de memorização, codificação e transcrição da fala. Partindo desse pressuposto, considera-se que a pessoa aprendeu quando ele consegue repetir o que lhe foi ensinado. O letramento é caracterizado como o uso social que se faz da leitura e da escrita diariamente e que inclui vários tipos de textos, nas distintas situações comunicativas que vivencia. Vinculados a este processo estão os fenômenos de codificação e decodificação (o que não se discutirá neste texto). Para Soares (2004) existe uma diferença entre saber ler e escrever para ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita.

Observa-se que os autores entram num consenso quando afirmam que letramento se trata de um uso social da leitura e escrita, pois não menosprezam as contribuições históricas do ser humano ao longo dos anos.

As estratégias de leitura são estruturas cognitivas que os leitores proficientes normalmente acionam mesmo sem consciência. Para Solé (1998) o leitor diante de um texto aciona o conhecimento prévio que possui sobre o assunto e nesse processo ele antecipa, seleciona, faz inferências e avalia. Pessoas com pouco hábito de leitura ou com baixo nível de letramento ou um leitor iniciante, elaboram hipóteses para construir significados sobre o que está lendo, ou seja, acionam rudimentos dessas estratégias de leitura.

O estudo em questão pretendeu identificar quais são as estratégias empregadas pelos idosos ao realizar leituras que tem como suporte as mídias digitais. Certos de que esse segmento da população admira, mas tem certo receio em relação ao uso dessas tecnologias.

Segundo pesquisa realizada por Solé (1998) o uso das estratégias de leitura como um procedimento de ensino, auxilia o leitor iniciante a avançar no processo de aquisição da leitura. Compreender como se dá o seu uso diante das mídias digitais pode contribuir para a criação de práticas pedagógicas que possibilitem o avanço desse segmento da população no desenvolvimento da leitura independente do suporte do texto.

Partirmos do entendimento de que é importante preocupar-se com que os idosos usufruam dos benefícios materiais e culturais produzidos pela humanidade ao longo do seu processo histórico, tendo em vista que a expectativa de vida da população brasileira teve considerados aumentos, essa é uma parcela da população que tem crescido em grande porcentagem. Espera-se que sejam pessoas que possam se beneficiar dos bens culturais produzidos pela humanidade incluindo o uso das tecnologias digitais.

Com a disseminação das tecnologias digitais, a ampliação do seu uso fez com que várias atividades sociais que antes eram realizadas presencialmente, ou por meio de preenchimento de formulários em papel, foram e continuam sendo substituídas por atividades e formulários eletrônicos utilizando terminais eletrônicos ou acessando por meio de computadores conectados na internet ou por meio de tecnologias móveis como o celular. Isto fez com que os idosos precisassem cada vez utilizar esses equipamentos e, portanto aprender como utiliza-los.

A falta de familiaridade com esses equipamentos e com a linguagem neles empregada tem-se colocado como obstáculo ao exercício autônomo de certas atividades e um desses obstáculos é a questão do baixo nível de conhecimento da leitura e da escrita. Com as novas tecnologias tão presentes na sociedade, mostra-se necessário que eles tenham certo conhecimento em relação ao manuseio e entendimento do sistema funcional das mídias. Auxiliar os idosos com baixo letramento a se apropriarem do conhecimento sobre o manuseio dessas mídias foi um dos objetivos da pesquisa.

Ela foi desenvolvida com pessoas idosas que foram colocadas diante das seguintes mídias: computador conectado na internet, tablet, celular do tipo smartphone, lousa digital, televisão interativa, computador com tela *touchscreen* equipamentos do Laboratório de Mídias Interativas e Laboratório Interdisciplinar de Formação do Educador (LIM/LIFE).

Em um primeiro momento da pesquisa identificou-se com qual dos equipamentos se relacionavam melhor e com mais facilidade, e quais elementos verbais ou não forneciam

pistas para que pudessem utiliza-los e entendendo que parte destas pessoas tem dificuldades de leitura e escrita, auxiliamos quanto a isso.

A observação foi aspecto importante neste estudo. As habilidades exigidas do observador foram complexas, no sentido de que tínhamos que estar atentos as necessidades dos sujeitos pesquisados, muitas vezes sem que eles nos dissessem o que precisavam. Lüdke e André (1986) afirmam que desde o início do estudo o observador deve se preocupar em se fazer aceito “... ser capaz de tolerar ambiguidades, inspirar confiança, ser comprometido, autodisciplinado, sensível a si mesmo e aos outros, maduro, consistente e ser capaz de guardar informações confidenciais” (p. 17). Neste caso esses aspectos foram importantes guia para a ação do grupo, uma vez que os sujeitos da pesquisa são pessoas que não possui muita intimidade com as tecnologias digitais e, em alguns casos apresentam dificuldade de ler nesses suportes e que devem, portanto, confiar no observador suas dúvidas, impressões, receios e medos.

Os sujeitos que participaram da pesquisa foram os idosos que frequentam o Centro de Convivência dos Idosos (CCI¹). Formaram-se pequenos grupos de idosos e de pessoas com baixo letramento para a execução das atividades, mas para o caso específico desse trabalho só foi trabalhado com o grupo de idosos com baixo letramento.

A outra etapa consistiu no recrutamento e seleção dos sujeitos que foram entrevistados para que a identificação do nível prévio de informação sobre o uso de tecnologias da comunicação, como conquistaram esses conhecimentos, o grau de interesse e motivação para lidar e aprender usar essas tecnologias. A partir deste contato prévio fizeram-se as intervenções. Nas oficinas apresentou o uso de sites de busca que incluíram atendimento e orientação inicial para buscas simples na Internet, com palavras de busca definidas pelos próprios usuários.

Também fez parte da metodologia a vídeo gravação dos encontros, fotos, preenchimento de protocolos de registro das ocorrências dos encontros e o acompanhamento pessoal dos idosos, na tentativa de identificar quais são as maneiras que empregam para tomarem as decisões quanto à navegação na internet, o que os levou a tomar este ou aquele caminho.

Uma pesquisa exploratória realizada, antes das oficinas, em que foi aplicado quatrocentos questionários a pessoas idosas e a pessoas de baixa escolaridade, foi possível detectar as expectativas que esses segmentos têm em relação ao aprendizado de uso da

¹ Órgão da Secretaria de Assistência social da prefeitura Municipal de Anápolis

Internet. O esperado pelos respondentes vai desde usar a rede mundial para distração, lazer, comunicação com familiares e amigos até se informar (o mais citado) e também ser independente, aprender mais e ajudar no trabalho.

Cerca de 60% dos que responderam o questionário afirmaram que desejam aprender a usar ou aperfeiçoar o uso de computadores, celulares e *smartphones*. Os que não querem aprender justificam a resposta alegando falta de tempo, mente fraca, não enxergar direito, ter pouca leitura, como razões da negação aos cursos oferecidos. Pretende-se com esse estudo, que é um misto de pesquisa e de extensão, dar suporte para que as pessoas (sujeitos da pesquisa) consigam utilizar dessas diferentes mídias.

Conhecer os interesses de dois significativos segmentos sociais, os idosos e as pessoas de baixa escolaridade (até fundamental incompleto) foram a intenção de aplicação do questionário da pesquisa exploratória realizada para a proposta do projeto maior, de que fez parte este estudo. Isso ficou claro nas falas dos respondentes aos questionários. Atualizar-se, aprender mais, ser independente, conversar com os amigos e familiares, distrair-se, poder trabalhar melhor, ter acesso ao mundo, são exemplos de suas falas. Embora sejam apenas dois segmentos, eles são significativos, pois o analfabetismo está ainda é significativo entre nós e a aplicação do questionário nos possibilitou uma reflexão ainda melhor sobre o assunto.

As oficinas foram organizadas de modo a atender grupos pequenos de aprendizes mulheres e homens com mais de 60 anos. Durante a semana era oferecida em torno oito oficinas com grupos diferentes, pois o atendimento era individualizado, pois algumas pessoas eram alfabetizadas outros com noções básicas de leitura, porém quanto às tecnologias apresentaram baixo conhecimento em relação ao manuseio o que acabou exigindo atendimento individualizado. As oficinas tinham duração de 1 hora a 1h30min dependendo da disponibilidade das bolsistas e do interesse dos sujeitos. Após análise dos questionários dos participantes das oficinas (47 pessoas) foi possível identificar que 76,59% são mulheres, 38,3% tem o ensino fundamental incompleto e 15,0% não tem escolaridade. O número de pessoas que participaram dessas oficinas e que não concluíram o ensino fundamental ou nem frequentaram a escola constitui 53,3% dos sujeitos que participam.

Para trabalhar o uso dos equipamentos adota-se como principio o respeito aos saberes trazido por eles e a partir destes conhecimentos eles seriam instigados a pesquisarem sobre coisas que conhecem ou gostam como forma de garantir que o novo conhecimento fosse significativo para eles.

Identificou-se que o aparelho que eles mais queriam aprender a utilizar era o celular. Saber enviar mensagens, gravar novos contatos, tirar fotos, coisa que por vezes julgamos

simples e básicas para eles eram desafios a serem superados. E a cada avanço podíamos perceber a satisfação desses cursistas, pois em muitos momentos dependiam de seus familiares para realização dessas atividades, o que lhes causava um pouco de vergonha e constrangimento, por sempre depender de alguém. Alguns cursistas queriam saber mexer em seus celulares primeiro, outros já optavam pelo celular tipo *smartphone*, com tela *touchscreen* e por ser um aparelho maior facilitava na digitação do texto de mensagem ou de um nome para arquivar na agenda, além dos desenhos auxiliarem na escolha da operação a ser realizada, principalmente daqueles que possuem dificuldades para leitura e compreensão de textos.

Na medida em que iam aprendendo a manusear os equipamentos eles eram colocados em situação de leitura e de produção de textos escritos, pois queriam aprender a enviar mensagem de textos para interagir nas redes sociais.

A quantidade de aulas oferecidas no laboratório não foi suficiente, pois sabemos que os ganhos poderiam ser muito maiores. Mas infelizmente, devido a reformas no prédio da Universidade e dificuldades enfrentadas pelo laboratório tivemos que parar com as oficinas. Mas o projeto irá continuar e agora com um diferencial, os atendimentos serão nas praças.

BIBLIOGRAFIA

- ASSUMÇÃO, Jéferson. *Leitura cultural, crítica ou utilitária*. In AMORIM, Galeno (org.). Retratos da leitura no Brasil. São Paulo: Imprensa oficial: Instituto Pró-livro, 2008, p 83 a 94.
- SCLIAR, Moacir. *O valor simbólico da leitura*. In AMORIM, Galeno (org.). Retratos da leitura no Brasil. São Paulo: Imprensa oficial: Instituto Pró-livro, 2008, p 31 a 40.
- SILVEIRA, S. A. *Exclusão digital - a miséria na era da informação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. Minas Gerais: 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf/>. Capturado em: 04 de janeiro de 2014.
- SOLÉ, isabel. Estratégias de leitura. 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- YUNES, E. *Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo*. In: YUNES, E. (Org.). Pensar a leitura: complexidade. Rio de Janeiro: Ed PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2002, p. 13-51.